

hisol, dez anos depois

WILSON CHAGAS

Vocação para o extenso... vocabularmente largo para conter tudo, abraçar a Vida. Exclamativo, é o seu tom, a sua voz é franca. Os "ais" nêle se multiplicam. Ai de enamorado, de sofrente, de pena dos outros. Ânasia de deslimitar-se, de abandonar-se. Quer ir ao fundo da essência, do mistério, ainda que para isso tenha de morrer.

*Mas nunca saberei nada
se na morte não a fundo
(...)
Morte, encomprida-me os braços
para que eu alcance o fundo³.*

Tudo isso acompanhado do pressentimento — que é pessimismo — de que nada adianta êsse esforço, pois permanecerá para todo o sempre inalcançado para êle, o mistério da Rosa:

*Mesmo apodrecendo em morte
nunca chegarei ao fundo
nunca apanharei a rosa
que me explica para o mundo (p. 16).*

Invoca a Morte, como a serena consoladora (tema bem romântico). A morte se identifica, no seu canto, com a Noite, com a — "santa e puríssima negrura" (p. 22). Quer encontrar, nela, o esquecimento:

... vem, ó santa e puríssima negrura.
Embala-me no nada, este berço sem alças,
esquece-me em teu apagamento infinito,
livra-me do espanto e da memória,
acorda-me indiferente, sem ânsias, inteiro (p. 22).

O que o atrai, na "negra silenciosa", é a sua "indiferença abismada". Também a identifica com a Rosa — símbolo dos mais importantes em sua poesia, como veremos. Naqueles "que já empreenderam / o salto titânico" (p. 22), não a reconhece, diz o Poeta, invocando a sua "noiva" —

porque és a rosa nascida
em suas carnes e não na minha.
Floresces diferente em cada vida
porque te alimentas diferentemente (p. 22).

São acentos bem rilkeanos, já se vê. O Poeta traz em si a sua própria morte, alimentando-a e alimentando-se dela². Também a invoca como "parturiente de tôdas as coisas" (p. 23). Finalmente, vê a terra como "imenso rúmulo" (p. 25). E todo o seu livro é uma imensa e repetida confissão, uma confissão pungente:

Desde a infância não me sorriem as manhãs (p. 26).

É o livro de um desesperado. De alguém que leu Kierkegaard e Fernando Pessoa, mas não se confortou, antes quis gritar o seu desajuste, a sua mais que melancolia — a sua loucura de sentir-se apenas finito, um ser limitado desde as origens. O mar simboliza, na sua obra, não só o "imenso", como o des-limite:

Somos crises levantando furacões de clamores,
aves rasgando as carnes para alimentar de sangue
a boca do limite!
Limitados queremos que o abraço ilimitado
venha como um mar incendiado de raias
beijar os litorais de nossos corpos! (pp. 29/30.)

Ânsia, pois, de "deslimitar-se" (título que dá ao segundo poema do livro, logo após aquele intitulado "Ser": "Deslimitando-me").

Beleza e suspiro é destino de rosa
e eu sei que meus versos não nascem de rosais.
Nascem de minha morte! Nascem de minha vida!
Por isso os faço como quem pára na garganta o
grito que vai gritar (p. 32).

A vida, eis como a define: "A vida é um soluço da morte que recua / num gesto de mãos arrependidas" (p. 32). E o caminho que escolheu, é o de "possuir a morte" (pp. 33/4), como quem se possui a si próprio.

Em que o Poeta fala mais é na morte³. "Não é bom viver bem para quem morre" (p. 70). Por isso vive-se "deslimitando" — "pois nós queremos ser além do que somos" (p. 71). A consciência do pecado se gravou nêle, e o incompatibiliza com a vida — que no entanto quer viver. Mas viver como quem morre... Essa consciência do pecado se terá gravado bem fundo em sua alma, ao ponto de o contradizer. Trata-se de algo não integrado na sua experiência de homem. Algo que o faz abandonar... o que empreende. E nesse abandonar, abandonar-se. (Ver o poema que tem esse título, o quarto do livro, depois das "Invocações à Noite"; ali ele põe a rosa, que não se decide a colhêr, entre a vida e a morte: "A inquietude é descer ao coração da vida, / a morte é a plenitude — / e se há uma rosa entre as duas / chamemo-la: Pecado!" Por onde se vê que a morte é precisamente o meio que tem o Poeta de escapar à vida. Poema que termina assim: "só nos falta para chegarmos à essência e ao mistério da inquietude e da beleza, / abandonar, abandonar, abandonar".) Noutro poema ("Ninfa") diz: "Sou como a voz das noites, / possuo e abandono" (p. 72). Sente-se mutilado, prêso ao Pecado. Quer por isso dissolver-se, sonha com uma impossível pureza. A sua poesia se torna para êle um exercício de auto-flagelação⁴. Viver assim é um fugir à morte, é um sentir-se fascinado pela morte. Viver como quem morre. Eis a rosa que êle não consegue colhêr⁵. E essa a rosa que êle não sabe colhêr⁶.

O fato é que o Poeta não se aceita, neste *Sim à Vida*, como é; nem pode ser o que quer ser⁶. Êste, o drama fundamental de que se alimenta, como um veio a verter sempre, a sua poesia. Nessa crise, ou nas sucessivas crises que atravessa⁷, não se perdoa a si mesmo, nem encontra quem o perdoe. Daí que não se esqueça jamais: o eu o persegue, ainda no lirismo, que não chega por assim dizer à plenitude de si mesmo, não alcança a objetividade de que o subjetivo também é capaz... O amargor de salitre contamina os seus versos, não apenas a sua boca sedenta e amargu-

rada. A sua voz se estrangula na garganta, ou arde demais. Não dá a medida do poeta, como tal irrealizado, nesse seu livro onde há ânsias, lágrimas, auges, espanto diante da vida, consciência adolescente ainda do pecado, insolubilidade, mesmo diante do amor que cabe cantar, encontrando nêle alguns dos ecos mais pungentes dêste livro. A poesia, como a vida, é uma estrela errante, que não se fixa, nem o guia. Compreende-se, por isso, que tenha necessitado passar por uma outra etapa, mais "prosa" digamos, menos infensa aos desesperos, mais objetiva nas suas exigências, feita de disciplina moral, de regra de vida. Pois o livro todo é de alguém que se procura *en gemissant*, como Pascal. Procura onde não poderia encontrar-se — mas por onde não poderia deixar de passar, na sua ânsia de jovem poeta. Apenas poeta.

Pode-se dizer que o Poeta, naquela fase, era autofágico, se devorava a si mesmo. Falto de "matéria" onde elaborar a sua própria humanidade, preso à vida por fios muito tênues⁸. O sonho, trocado pela realidade, e o sentimento, feito compaixão por si mesmo e pelos outros⁹, o consumiam. O puramente lírico se revelava dissolvente, impedia de viver; nem por isso realizava o poeta, sempre à cata de si mesmo. Pois a rosa que perseguia era suicida...

O essencial do lirismo de *Sim à Vida* é o que se contém num grito de desespero. Daí o inessencial dêle para a vida, e o pouco que a própria poesia pode dêle recolher. Há, digamos, um "discursivismo poético" em Bisol, prejudicial à poesia; é uma certa retórica, que não chega à expressão — perde-se nas ânsias interjetivas do eu que desabafa, que não espera o momento de dizer criadoramente as coisas. Não atinge, assim, — salvo em raros momentos — à intensidade de uma linguagem poética consistente. A necessidade de *gritar* as próprias dores, de confessar românticamente as próprias ânsias, o diluía: ora, a expressão poética precisa "encorporar-se", no próprio poeta que a elabora, para atingir aquêle grau de saturação, aquêle *fiat* em que se reconhece, desde logo, o verdadeiro canto. Essa "distância" do Poeta com relação aos conteúdos de sua própria experiência: eis o que faltou ao autor de *Sim à Vida*. Contudo, vibra em nós a humanidade (ainda não conquistada) do Poeta. É como um irmão que nos fala. O Poeta sofre com as dores do mundo. Está a esvaír-se de piedade por todos os injustiçados da vida, ou do Destino. Assim o vemos, ao longo dos poemas dêsse livro. E é como se vissemos o Poeta, êle mesmo, esvaír-se em sangue diante de nós... Mas não; ei-lo que se levanta, quando estava prestes a definhar, e se prepara para uma nova

jornada. Apresta-se, afinal, para a experiência de viver a própria vida. Adivinhando que por essa via não iria longe, empreende outra¹⁰.

Sente o crítico, diante de *Sim à Vida*, a dificuldade decorrente da ausência de datas, pois se trata de livro que reúne poemas pertencentes a várias fases do Poeta. Vale isto inclusive como uma ressalva do crítico — ao mesmo tempo em que limita o alcance de algumas de suas afirmações. O tempo, contudo, da própria poesia, entendemos ter sido devidamente assinalado, no essencial. O tempo carregado de vida, destino e significação, que o Poeta deixou para trás, plasmado em verso, ritmo, metro e poema. Isto tudo já aconteceu, para êle. Outras experiências, de dez anos para cá, o marcaram — e certamente reclamam a sua voz. Todos nós, admiradores do Poeta, só podemos esperar — e desejar — que continue. Que não nos falte com a sua voz, na fase da maturidade. Que estrela guiará o Poeta no seu próximo livro?

1. José Paulo Bisol, *Sim à Vida*, Imprensa Universitária, Porto Alegre, 1957, p. 16. — Foi o único livro que Bisol publicou, até agora. Surgiu êle com o grupo do "Quixote", no fim da década de 40, e no início da década seguinte passou a fazer parte, com Lineu Dias e Paulo Hecker Filho, da revista "Crucial". Em 1956 ingressava na magistratura rio-grandense, em brilhante concurso, já com a experiência de ano e meio de pretor. Atualmente é juiz de Direito em Porto Alegre.

2. "Sim! Sei também sentir-te em mim,

Em mim cresces, em mim te moves, planta,
em mim caminhas para a floração" (p. 22).

3. Constata-se na poesia de Bisol a predominância da palavra "morte" e do verbo "morrer". Depois vem "negro (a)", "negrura", e a palavra "rosa". Finalmente, "lábios", "beijo (s)", "mar", "pecado". Também "pranto", "solução", "espanto", "Aurora". São as constantes vocabuladas do poeta, que refletem não apenas um estado de espírito, mas a sua própria temática.

4. E como há lágrimas, pranto, em seus versos! Também "o gosto amargo / do salitre" (p. 112), em sua boca!

5. O tema da colheita, em Bisol... Não há colheita, para êle. "Pensar que as flores colhidas, murcham, / que as mãos não podem colhêr" (p. 41). O que se colhe é "a tristíssima semente / de uma rosa de gemidos" (p. 19).

6. Uma distância entre o ser que é, e o que desejaria ser, entre a "vida maior", por que aspira, e o "grito ecoando para trás" que é a sua vida, como se queixa no Prefácio.

7. Contemporânea com a elaboração dêsse livro, ocorreu algo, de importância capital, na vida (e poesia) de Bisol: a perda da fé tradicional. ("Passei há pouco pelo quarto de meu pai / e vi Deus subjugando-o de joelhos, / Acabei bonito e ri, / pois a mim Êle não me subjugou mais" (p. 106).

8. Há muito em Bisol de menino espantado com a vida, surpreso de ser (para usar a expressão de outro poeta, Trevisan). Um menino tímido — como se vê no soneto com êste título. Porque quase se abstém "de viver socialmente neste mundo" (p. 53).

9. "Vivo não posso ser o que me sinto:

tôda essa imensa carga de doçura" (p. 105).

10. O poeta como que se sentia despossuído das próprias mãos. Impertencido em seu corpo. Em sua organização humana. Digamos que não ousava agir.

Setembro de 1967.